

O ENSINO DA COMPOSIÇÃO

Adilson Silva da Costa

INTRODUÇÃO

A composição ocupa um lugar de destaque no ensino da linguagem. Muitos professores queixam-se da dificuldade de ensiná-la e, por isso, ela é relegada a um segundo plano.

Concordamos com o fato de que escrever é uma arte, porém não concordamos com o relaxamento no ensino da composição simples, clara e objetiva. É através dela que, muitas vezes, avaliamos o rendimento da aprendizagem e as qualidades pessoais ou intelectuais do aluno. Levar um aluno a escrever, é sugerir um hábito que o acompanhará por toda a existência.

Longe vão os tempos em que se faziam as "chatas" redações semanais, corrigidas na íntegra e religiosamente passadas a limpo. Ao terminar o ano letivo, o aluno levava para casa, para o seu arquivo de lembranças, um pequeno livro em que se registravam suas idéias, seus pensamentos, suas reflexões e seus sonhos. E muitos se ufanavam disso. Ali, em letras caprichadas — pois os mestres eram caturras até mesmo nisso — estavam momentos de vida estilizada.

Hoje, manuseando o caderno de Português dos nossos filhos, notamos essa lamentável ausência. Ninguém escreve mais. Onde estão os cadernos de outrora?

Será tão difícil o ensino da composição? Talvez não. E foi pensando nele que escrevemos o presente artigo.

A NATUREZA DA COMPOSIÇÃO

Quando escrevemos, abstraímos o diálogo e deixamos de envolver, com a nossa personalidade, aqueles a quem nos dirigimos,

que, na conversa, representam os interlocutores. O distanciamento entre emissor e receptor retira muito do calor humano, próprio do diálogo, visto ser a escrita uma representação imperfeita da fala e, por isso mesmo, fria, senão árida em determinadas circunstâncias. Diante da escrita, enfrentamos uma situação não-recíproca, isto é, carente da retroalimentação, e acumulamos o papel de emissor e receptor da mensagem. Com efeito, uma situação dessa natureza nos força a pensar de maneira mais cuidadosa, a examinar ou analisar o tema da mensagem, a formalizar-nos e a trabalhar o pensamento. É, até certo ponto, uma tarefa árdua e delicada, face à seleção do vocabulário, à correção do texto e à reconstrução dos períodos.

Escrevendo, praticamos, naturalmente, a empatia, isto é, experimentamos a sensação de colocar-nos na posição de quem nos lê. O desnível entre emissor e receptor — falta de sintonia — levou Mark Lester a apontar a incapacidade de certos escritores.

Há pessoas que falam muito bem, mas que são uma lástima quando escrevem, porque, ao fazerem isso, esquecem-se da ausência do "fascínio pessoal" do diálogo. Contrariamente, outras há que escrevem muito bem — e nessa relação podemos incluir os escritores —, mas que não conseguem fazer uma conferência, conduzir uma preleção, dar uma aula ou, simplesmente, manter um conversa. Esse fato nos leva a uma conclusão: escrever com proficiência não decorre da habilidade de falar. Nancy Arapoff observou, em suas experiências, que aborígenes alfabetizados escrevem muitas vezes mal, embora saibam construir frases gramaticalmente certas.

OS TERMOS REDAÇÃO E COMPOSIÇÃO

Antes de enveredarmos propriamente pelo tema que dá título ao presente trabalho, convém tecermos algumas considerações em torno dos termos redação e composição.

Seus sentidos não são exatamente os mesmos. A redação consiste na ordenação das palavras, no arranjo. É uma atividade que pressupõe a construção de frases gramaticalmente corretas. Já a composição consiste na elaboração especial de frases, particularizando-se pelo aspecto criativo. Redigir é mostrar truques ou habilidades práticas. Compor é ordenar a experiência, descobrir ou selecionar idéias, expô-las com precisão, encadear-las ou enunciá-las. É trabalho mental, formativo da personalidade e do caráter, que, em qualquer país, sempre constituiu a preocupação das autoridades educacionais.

O PORQUÊ DO ENSINO DA COMPOSIÇÃO

Negar a utilidade do ensino da composição é negar algo de grande importância para a civilização — a leitura. Leitura lembra escrita, e esta, livro. Foi graças à escrita, ou ao livro, que o ho-

mem deu um grande salto no espaço e no tempo. Quando lemos, crescemos para dentro, que é a maior dimensão. Ler é selecionar, é penetrar no mistério das coisas, na essência humana, no absconso. "A leitura", comentou Fidelino de Figueiredo, "é um anelo doloroso e dramático". O homem lê e se sente pequeno, perdido, confuso, contraditório. Mesmo assim, continua lendo, pois a verdadeira vida é a interior.

A composição é, conseqüentemente, a continuação da leitura. Quando compomos, não só nos formalizamos como também reunimos aquilo que de mais caro existe dentro de nós — as nossas idéias. Ao escrever, mostramos as nossas sensações, experiência, capacidade, inteligência e cultura. Revelamos, além disso, o nosso milagre particular — a criação. Compor é criar, organizar o caos, tirar do nada.

Antigamente, toda pessoa de modesto nível de instrução orgulhava-se de saber escrever. Hoje, com a geração da máquina, do robô, do enlatado, da sociedade de consumo, em que tudo está pronto, feito e expresso através do audiovisual, até mesmo certos professores descuidam-se da utilidade da composição, não escrevem ou escrevem muito mal.

Para se ter uma imagem da importância do ensino da composição, vejamos os três tipos desta, citados pela professora Nancy Arapoff, de grande utilidade:

- 1 — Resumo de conferência e leituras.
- 2 — Elaboração de ensaios e respostas a perguntas sobre leituras e resumos.
- 3 — Formulação de trabalhos (monografias) e apresentação de relatórios.

A composição tem utilidade permanente, não só nos meios universitários e escolares como também na vida prática. É usada não só na comunicação normal como também na comunicação técnica — em cartas, memoranduns, ofícios, atas, relatórios, etc., de cujas habilidades muitos jovens necessitam para emprego e afirmação social.

OS ERROS NA COMPOSIÇÃO

É comum, quando corrigimos composições de alunos, depararmos-nos com erros ortográficos, pobreza de vocabulário, erros gramaticais e defeitos estilísticos. Nem sempre, na apreciação ou julgamento deles, sabemos o que fazer e, vez ou outra, tomamos medidas pouco sensatas. Constantemente agimos como os antigos gramáticos caturras, que combatemos, mas que vivem dentro de nós, como é o caso de certos professores que, por causa de um acento indevido, negam-se a dar o conceito ou a nota mais alta ao aluno.

Segundo o professor Augustinus Staub, é necessário ser flexível na correção, de acordo com as situações. Há momentos em

que os erros são alarmantes, merecedores, portanto, de maior rigor. Há momentos, todavia, que merecem o abrandamento de nossas exacerbações. A seguir, ele tece uma classificação, que é a seguinte: 1) erros de ignorância de regras de acentuação gráfica; e 2) erros de pressa ou de distração.

Esses erros, como dissemos antes, devem merecer a ponderação do professor, o qual, por sua vez, repelirá os primeiros e será condescendente com os segundos.

Quanto ao emprego do vocabulário, convém voltarmos a atenção para essas modalidades:

- 1 — Vocabulário da Fala. — É o empregado fluentemente pelo falante na fala comum e registrado na escrita pela ausência do recurso de que as pessoas cultas dispõem.
- 2 — Vocabulário de Escrita. — Inclui o vocabulário de face com o vocabulário passivo, isto é, de uso mais restrito.
- 3 — Vocabulário de Leitura. — Foge tanto do âmbito da fala quanto ao da escrita. É mais numeroso, somente reconhecido na leitura.
- 4 — Vocabulário Reconhecível. — Abrange os anteriores podendo ser interpretado no contexto.

É nosso dever, como professores, atentar para o fato de que o aluno é um ser em formação. Em termos de vocabulário, ele está envolvido pelas contingências sócio-culturais, nem sempre satisfatórias. Ele tem o vocabulário necessário à comunicação de suas necessidades imediatas, de suas manifestações psíquicas, anseios e emoções. Não está, porém, habilitado a usar o léxico padronizado do ambiente cultural circundante. Cabe ao professor, na escola, continuar a "obra inconsciente" do ambiente familiar, encaminhando-o, gradativamente, aos novos meios de expressão, embasando-o, remodelando-o, readaptando-o, chamando sua atenção para uma nova realidade. No anonimato de uma sala de aula, estará operando um milagre — o alargamento das possibilidades de expressão. Não foi sem outro objetivo que Matoso Câmara Jr. apregoou que o homem é metade de sua expressão.

Como aumentar o vocabulário? Existe uma resposta simples para essa pergunta: conversando, lendo, escrevendo. Ora, dirão alguns, ocorre que nem sempre o aluno tem "ambiente" para uma conversa apreciável. Isso não justifica: existe o ambiente da escola, a sala de aula, onde o professor poderá induzi-lo a conversar, a manter diálogos organizados com os colegas, a efetuar exercícios orais, oportunidade em que o deixará dar livre expansão às suas idéias, observando as incorreções, que serão eliminadas gradativamente. É boa prática deixar falar primeiro para depois consertar com conveniência.

A leitura de bons textos apresenta-se como fonte perene para o enriquecimento do vocabulário. Nenhum professor deve esquecer

que uma língua, na modalidade oral ou escrita, pode ser aprendida sem textos.

A própria composição serve de fonte para o enriquecimento vocabular. O indivíduo, diante o ato de escrever, formaliza-se. Sente a falta do "algo mais", isto é, do termo preciso, do sinônimo que se coaduna com a idéia em mente. É por esse motivo que, nas escolas, deve haver sempre um dicionário à mão.

Para aumentar o vocabulário, Gorrell e Laird, citados pelo professor Augustinus Staub, aconselham as seguintes medidas:

- 1 — Aprender um vocabulário utilizável.
- 2 — Ao aprender uma palavra, aprender o significado desta, a fim de usá-la sempre.
- 3 — Estudar as palavras em grupos cognatos.
- 4 — Após o aprendizado duma palavra, partir para o seu uso.

A GRAMÁTICA E A COMPOSIÇÃO

Examinemos, agora, se exista relação entre a gramática e a composição, ou melhor, se o aprendizado desta depende do conhecimento daquela.

Neste particular, a Lingüística ramifica-se em duas correntes. Uma delas é encabeçada por Paul Roberts, o qual, parcimoniosamente, admite que a gramática é o centro das Humanidades, atuando como ilustração do espírito. A outra é engrossada por Robert B. Lees e Mark Lester. O primeiro nega, de certo modo, que a gramática possa auxiliar na escrita e na leitura. Para ele, a composição depende de uma atividade constantemente supervisionada, isto é, de um hábito. O segundo conserva-se numa posição radical, até mesmo irônica: nega completamente o concurso da gramática, alegando, inclusive, que, se ela fosse proficiente, os lingüistas seriam os melhores escritores. Por falar em escritores, Machado de Assis queixava-se dos seus desconhecimentos gramaticais, enquanto Monteiro Lobato combatia ferozmente a casta dos gramáticos, e pouca gente, na atualidade, escreve com a pureza e precisão de um ou de outro.

Que dizer de tudo isso? Nós, professores, devemos adotar uma atitude intermediária. A gramática não é um fim: é um meio. Tratá-la como uma vaca sagrada é um absurdo. Considerá-la inútil é um contra-senso. Afinal de contas, como estudiosos da linguagem, não podemos negar a sua importância, modesta que seja, na nossa formação. É nela, pois, que se observam as boas normas do "tráfego da linguagem". Nela observamos questões de acentuação gráfica, concordância, sintaxe, estrutura gramatical, etc., elementos importantes à expressão padronizada a que se adapta a composição. Não foi sem razão que o professor Irmão Elvo Clemente, em uma de suas aulas, na PUC, em Porto Alegre, observou que, entre tantas correntes contraditórias, a velha gramática ainda permanece como a "arte de bem falar e escrever."

ALGUNS PROCEDIMENTOS PARA O ENSINO DA COMPOSIÇÃO

Existem várias técnicas que despertam no aluno o gosto pela composição, porém, antes de atacarmos este assunto, examinemos o problema ou a natureza da expressão.

Como se sabe, a fala é um resultado do hábito de ouvir. No ambiente familiar, a criança é ininterruptamente tocada por estímulos auditivos. Pouco a pouco, vai tomando consciência dos "ruídos", familiarizando-se com eles. Após um certo tempo, ingressa na fase da repetição e, assim, aprende a articular as primeiras palavras e a construir, sob a mesma influência, as primeiras frases gramaticais.

Ora, se falar é decorrência de ouvir, escrever é uma decorrência do ler. Não só disso: é um resultado da reflexão, do raciocínio, da experiência, da sensibilidade e do conhecimento do mundo. Cabe, ao professor, o papel de estimular inicialmente a percepção do aluno. De início, ele chamará a atenção deste para o fato de que existem dois tipos de linguagem — a que usamos em casa e a que usamos de um modo especial. A seguir, ele explicará que a composição nada mais é do que uma linguagem especial. Daí por diante aplicará as técnicas.

Existem dois tipos de composição: a livre e a controlada ou planejada. A composição livre é aquela em que o aluno registra tudo o que lhe passa pelo entendimento. A controlada necessita da colaboração do professor. Uma e outra sempre alcançam os seus objetivos, principalmente a segunda que, com o exercício rotineiro (uma composição por semana), habilitará o aluno a escrever sem auxílio.

O segundo grande passo para a composição reside na escolha dos temas. Um professor jamais deverá forçar o aluno a escrever sobre um assunto do seu inteiro desconhecimento. Os temas mais importantes são aqueles que se referem ao cotidiano.

Nos primeiros ensaios, será facultada ao aluno a liberdade de escrever sobre tudo aquilo que lhe vier à mente, após o que, com um exame detido, o professor lhe entregará o caderno recomendando-lhe que faça leitura atenta a fim de que o próprio aluno aprenda a corrigir-se.

Nos tempos atuais, condena-se o procedimento que consiste em se assinalarem os erros com tinta vermelha e com a "complementação" do professor. Mostrar o erro nem sempre é conveniente, ao passo que exaltar a construção de boa frase ou uma tirada de estilo surte mais efeito.

Os erros devem ser assinalados na parte direita da folha, de maneira convencional. O professor Augustinus Staub sugere: "A falta ou o emprego inconveniente da uma vírgula é indicada na margem por 4a. O número 4 indica o item genérico de pontuação. O "a" indica o item específico da vírgula. O círculo convencional traz ao aluno a idéia de erro."

A medida que os trabalhos de composição se desenvolvam, o professor fará a leitura, para a classe, das melhores e das piores, embora não revele os nomes dos autores destas últimas. É conveniente transcrever, no quadro, exemplos de aberrações cometidas para que todos as corrijam.

Em caso de as turmas serem numerosas, o professor, em cada aula semanal, procederá à correção de um certo número de composições, estabelecendo um rodízio para isso. Após a correção, o aluno transcreverá o seu trabalho num caderno para tal fim, o qual, mensalmente, será apresentado para o visto.

Num estágio posterior, o professor mostrará aos alunos que aquilo que expressamos toma aspectos diferentes. Assim, fará a distinção entre descrição, narração e dissertação, jamais exigindo, porém, que cada trabalho apresente exatamente um desses aspectos.

ALGUNS ARTIFÍCIOS APLICÁVEIS AO ENSINO DA COMPOSIÇÃO

Ninguém nasce com idéias. A teoria platônica é muito bonita, mas pouco prática. Já disse outro filósofo que o homem, ao nascer, é uma "tábula rasa". Na verdade, ao vir à luz, somos como uma folha em branco que a experiência vai preenchendo com a nossa história.

Assim é o aluno, em menor escala. Não tem idéias para a abordagem de variados temas de composição. O que fazer para criá-las? Existem alguns artifícios de que se valem os professores e que têm obtido resultados favoráveis. Um deles é bastante simples. Consiste em orientar o aluno, indeciso diante de determinado assunto, a escrever, à parte, certas palavras ou expressões cujas idéias serão desenvolvidas em parágrafos distintos, contanto que o professor demonstre, antes, no quadro, o que é parágrafo e como desenvolvê-lo. Suponhamos que o tema seja "Lembranças". A esquematização seria mais ou menos a seguinte:

- meu tempo de infância
- um amigo
- banho no riacho
- o susto de afogamento
- o castigo.

Como se vê, desenvolvendo cada um desses tópicos, o aluno, sem muito esforço, poderá dar largas à imaginação. É claro que, logo no início, o professor se encarregará de montar o esquema para a turma (no caso de tema único). Posteriormente, com o hábito, cada aluno saberá montar o seu próprio esquema.

Outro procedimento consiste em o professor contar uma história, real ou fictícia, e, a seguir, solicitar a sua reprodução. Poderá ele, também, escrevê-la no quadro (ou levá-la mimeografada), exigindo a imitação.

O professor Othon Garcia, em "Comunicação em Prosa Moderna", aconselha um artifício, um tanto quanto mecânico, porém efetivo. Segundo ele, um texto pode ser desenvolvido por: definição, enumeração, contraste ou confronto, comparação, declaração inicial, alusão, citação, exemplificação, etc.

Um modesto exemplo:

"O amor é um sentimento profundo e inexplicável experimentado pelas criaturas humanas. Sem ele, a vida é impossível.

"O ódio também é um sentimento profundo, porém nem todo homem o experimenta. Um abençoa; o outro amaldiçoa. O primeiro constrói; o segundo destrói. Um é luz; o outro é sombra."

A paráfrase é um recurso muito convincente. Deu certo com as gerações passadas. Por que não com a atual?

CONCLUSÃO

De tudo o que se disse, muito pode ser tomado como idealismo num mundo em que a massificação limita o homem e obscurece a alma. Não restam dúvidas de que o magistério apresenta umas série de dificuldades, que o professor, para manter-se dentro de um padrão razoável, deve trabalhar em três turnos com um grande número de turmas, que o número de alunos aumentou em cada turma, que não adianta, que o problema não pode ser solucionado, etc. "Não adianta escuridão. O que adianta é acender um fósforo." Pois acendamos o fósforo: demos o primeiro passo.

Não estamos, aqui, apresentando a solução ideal para o problema da escrita. Não estamos afirmando, também, que seguimos à risca todas as técnicas mencionadas. Mas não omitiremos o nosso trabalho solitário e anônimo. Sabemos que uma grande parte de colegas se furta ao ensino da composição. Porém persistimos, às vezes com menoscabo daqueles que não nos compreendem.

Já é tempo de os professores de I e II Grau alertarem-se para a situação. Queixam-se os professores de Cursos de Letras que o fracasso dos universitários deve-se ao fato de estes não saberem escrever. O Governo começa a promover uma campanha de soerguimento do prestígio da língua portuguesa.

Não concordamos com a opinião de que o professor, para ensinar ou avaliar uma composição, seja necessariamente um escritor. Necessário se faz é que ele tenha boa vontade e que se pre-

pare para assumir o seu verdadeiro papel: o de educador e formador da personalidade.

Um aluno é um ser humano. Um ser humano, na atual sociedade de enlatados e de tudo feito, sem expressão e reflexão, é, em síntese, um robô. Robô é sinônimo de escravo.

BIBLIOGRAFIA

STAUB, Augustinus, "Letras de Hoje", n.º 14, 1974, Porto Alegre.

CASTILHO, Aialiba T. de, "Revista Didática", Faculdade de Filosofia de Marília, 1974.

GARCIA, Othon M., "Comunicação em Prosa Moderna", Fundação Getúlio Vargas, 2a. ed., Rio, 1969.